

O relato do suicídio de Judas à luz da tradição rabínica

The account of Judas' suicide in the light of rabbinic tradition

Mariosan de Sousa Marques

Resumo

O presente estudo analisa o relato mateano do suicídio de Judas Iscariotes (Mt 27,3-10) à luz da tradição rabínica. Tradicionalmente interpretada como um gesto de desespero sem possibilidade de redenção, a morte de Judas foi marcada por leituras cristãs que associaram sua figura a uma condenação definitiva. No entanto, a pesquisa propõe uma releitura exegético-teológica que recupera o sentido do verbo grego *metamelomai* como “arrepender-se”, revelando a autenticidade do arrependimento de Judas, confirmado pela devolução das moedas e pela sua confissão pública de pecado. O estudo demonstra que, no horizonte da teologia judaica, a morte podia ser entendida como meio expiatório, comparável ao *Yom Kippur*, quando acompanhada de arrependimento sincero. Dessa forma, o suicídio de Judas pode ser lido não como simples gesto de desespero, mas como busca de expiação diante da recusa dos sacerdotes em acolher seu arrependimento. Na narrativa mateana, a referência ao “sangue inocente” insere o episódio no contexto da paixão, vinculando-o ao sacrifício de Cristo, cuja morte inaugura a possibilidade de perdão universal. Conclui-se que a figura de Judas, longe de representar uma maldição coletiva sobre Israel, pode ser compreendida como sinal da graça divina que abre, inclusive para ele, a possibilidade de salvação.

Palavras-chaves: Judas Iscariotes. Evangelho de Mateus. Arrependimento. Suicídio. Salvação.

Abstract

This study examines Matthew's account of Judas Iscariot's suicide (Mt 27:3–10) in light of rabbinic tradition. Traditionally understood as an act of despair leading to eternal damnation, Judas' death has been shaped by Christian interpretations that condemned him as the ultimate traitor. However, this paper proposes an exegetical and theological reinterpretation that recovers the meaning of the Greek verb *metamelomai* as “to repent”, highlighting the authenticity of Judas' repentance, evidenced by his return of the thirty pieces of silver and his public confession of sin. The study shows that, within Jewish theology, death could serve as an expiatory act – comparable to *Yom Kippur* – when accompanied by genuine repentance. Thus, Judas' suicide may be read not merely as despair, but as an attempt at atonement in the face of the priests' refusal to accept his repentance. In Matthew's narrative, the emphasis on “innocent blood” situates the episode within the Passion, linking it to Christ's sacrificial death, which brings universal forgiveness. The conclusion affirms that Judas' figure, far from symbolizing a perpetual curse on Israel, should instead be understood as a sign of divine grace, opening even for him the possibility of salvation.

Keywords: Judas Iscariot. Gospel of Matthew. Repentance. Suicide. Salvation.

Introdução

O episódio do suicídio de Judas Iscariotes, narrado em Mt 27,3-10, tem ocupado um lugar central nas interpretações cristãs da paixão. Tradicionalmente, a figura de Judas foi associada ao desespero sem

retorno e à condenação eterna, sendo compreendida como contraponto absoluto ao arrependimento salvífico de Pedro. Essa leitura, consolidada na tradição patrística e medieval, produziu uma visão estigmatizada que reforçou a ideia de Judas como paradigma do traidor, marcado por um destino inevitável de perdição. No entanto, a importância do tema não se restringe à história da interpretação cristã. O relato mateano, ao empregar o verbo grego *metamelomai* (“arrepender-se”), abre espaço para uma compreensão mais nuançada da experiência de Judas, colocando em questão a irreversibilidade de sua culpa.

O presente estudo se delimita à análise exegético-teológica de Mt 27,3-10 em diálogo com a tradição judaica, particularmente no que se refere ao arrependimento e à expiação. Busca-se compreender como o gesto de Judas pode ser interpretado não apenas como desespero, mas também como uma tentativa de expiação, análoga às concepções de reparação presentes no judaísmo do Segundo Templo. Nesse sentido, a investigação aponta para uma lacuna na pesquisa: embora haja inúmeros estudos sobre Judas no campo da cristologia e da literatura apócrifa, pouco se explorou a possibilidade de uma leitura teológica positiva, capaz de reconhecer em seu ato uma dimensão expiatória e, portanto, uma abertura à graça.

A hipótese que orienta este artigo é a de que o suicídio de Judas, ao invés de ser lido exclusivamente como gesto de condenação, pode ser compreendido, no horizonte da narrativa mateana e da tradição judaica, como tentativa de expiação diante da rejeição dos sacerdotes e em relação ao sangue inocente de Jesus. Essa hipótese permite não apenas revisitar a figura de Judas, mas também repensar as categorias de arrependimento, perdão e salvação presentes na teologia bíblica.

O presente estudo se estrutura em quatro momentos principais. No primeiro, analisaremos o relato de Mt 27,3-10 no contexto mais amplo do Evangelho de Mateus, destacando sua função narrativa e teológica no interior da paixão, bem como a centralidade do tema do sangue inocente e de sua relação com a lógica sacrificial. Em seguida, no segundo tópico, deter-nos-emos especificamente em Mt 27,3-5, examinando a caracterização de Judas a partir do uso do advérbio *tóte* e da fórmula “o que o entregava”, sublinhando como a identidade do apóstolo é construída em torno da traição e de sua confissão de pecado. O terceiro tópico se concentra no arrependimento de Judas e na devolução das moedas, com especial atenção ao campo semântico do verbo *metamelomai* e à sua ressonância veterotestamentária, mostrando como o evangelista apresenta o gesto de restituição como tentativa de reparação frustrada e inserida na tradição judaica da expiação. Por fim, o quarto tópico confronta o relato mateano com a tradição rabínica e judaico-helenista, em particular 4Macabeus e *Bereshit Rabbah*, a fim de investigar as possibilidades de compreender o suicídio de Judas como tentativa de autoexpiação, embora distinta, em sua teologia, do valor salvífico atribuído unicamente à morte de Cristo.

1. O texto de Mt 27,3-10 no contexto do Evangelho de Mateus

O relato mateano do suicídio de Judas Iscariotes (Mt 27,3-10) apresenta-se como um episódio denso em significados, que articula elementos narrativos, teológicos e simbólicos fundamentais para a compreensão da paixão. O desenvolvimento da cena inicia-se com a restituição das trinta moedas por parte de Judas aos sumos sacerdotes e anciãos, gesto que, mais do que um simples ato de devolução, introduz a tensão entre a culpa individual e a responsabilidade coletiva. Em seguida, emerge o tema do sangue, explicitamente qualificado por Judas como “inocente” (*haima athōon*, 27,4), o que insere a confissão do traidor no núcleo central da teologia da paixão, na qual a inocência de Jesus é continuamente afirmada.

Diante da recusa das autoridades religiosas em receber o dinheiro, Judas lança as moedas no templo, antes de enforcar-se (27,5). O gesto, marcado por violência simbólica, remete à impossibilidade de encontrar reconciliação dentro da instituição cultural. Por sua vez, os sacerdotes enfrentam o dilema do destino do dinheiro devolvido, que não pode permanecer no tesouro, pois é considerado “preço de sangue” (*time haimatós*, 27,6). Assim, a cena retoma o tema do sangue, agora em conexão direta com a dimensão cultural e com a legislação sobre pureza e impureza, revelando a tensão entre a prática religiosa e o drama humano da traição. O dinheiro acaba sendo destinado à compra de um campo para sepultura dos estrangeiros, conhecido até os dias de Mateus como “campo de sangue” (*agròs haimatòs*, 27,8). Dessa forma, o episódio não apenas encerra a trajetória de Judas, mas também deixa como legado um

espaço físico carregado de memória e ambiguidade, marcado pela morte e pela alteridade de Judas em relação aos demais.

Mateus conclui a narrativa enquadrando-a na chave hermenêutica do cumprimento das Escrituras. Trata-se da última citação de cumprimento em seu Evangelho, recurso que dá ao episódio um peso teológico particular, integrando-o à lógica da realização plena do plano divino. Nesse sentido, a questão interpretativa fundamental é compreender a função da perícopa de Judas dentro da economia do Primeiro Evangelho e, em especial, no contexto do relato da paixão.

A crítica exegética tem proposto diferentes interpretações. Gundry¹ sugere que o episódio tem caráter parênético para a comunidade mateana, funcionando como advertência contra o risco de distanciamento da comunidade ou de traição aos irmãos na fé. Embora plausível, essa interpretação não esgota a complexidade do texto, que deve ser compreendido também em sua inserção no desenvolvimento narrativo da paixão. As afinidades lexicais são significativas, como o adjetivo “inocente”, aplicado ao sangue de Jesus tanto por Judas (27,4) quanto por Pilatos (27,24). Todavia, tais paralelismos não permitem uma identificação simplista entre Judas e a multidão que exige a crucifixão (27,25-27).

A chave de leitura mais consistente parece residir no tema do sangue e em sua articulação com o sistema sacrificial expiatório judaico. O sangue inocente de Jesus, denunciado por Judas, não permanece como mera constatação de injustiça, mas é reinterpretado no horizonte da teologia mateana: trata-se do sangue dado e derramado como sinal eficaz de salvação (Mt 26,28), em continuidade com a promessa inaugural de que ele salvará o seu povo dos pecados (Mt 1,21). Assim, a narrativa do suicídio de Judas não apenas reforça a gravidade da traição e suas consequências, mas também contribui para o arcabouço teológico da paixão, no qual a morte de Jesus adquire pleno sentido redentor.

2. Judas e o sangue inocente (Mt 27,3-5)

A narrativa do suicídio de Judas em Mt 27,3-5 abre-se com o advérbio grego *tóte*, característico do estilo de Mateus e recorrente em seu Evangelho como marcador temporal e retórico. Sua presença no início da cena e novamente em 27,9 cria uma inclusão literária que confere unidade à perícopa. De acordo com Luz², o uso de *tóte* em Mateus pode ter tanto a função de introduzir diálogos ou monólogos quanto a de indicar um clímax narrativo. No caso em análise, ao aparecer na posição inicial, o advérbio parece sublinhar o peso dramático da ação de Judas, apresentando-a como consequência direta da condenação de Jesus e assinalando, assim, um momento crucial dentro da sequência da paixão.

O movimento narrativo é desencadeado pelo fato de Judas “ver” (*idōn*) o destino de Jesus, especificamente sua condenação à morte pelo Sinédrio. A visão desencadeia uma reação: o arrependimento, a tentativa de restituição das moedas e, por fim, o suicídio. O evangelista, nesse ponto, articula a percepção visual como motor da ação, recurso recorrente em sua obra para evidenciar mudanças de atitude ou “momentos de revelação”³. O gesto de Judas não surge, portanto, como ato isolado, mas como resposta direta a uma realidade que ultrapassa seu controle e o conduz ao colapso existencial.

Mateus caracteriza Judas em 27,3 com a mesma expressão já utilizada em 26,25 — *Ioudas ho paradidous auton* (“Judas, o que o entregava”) —, retomando também a fórmula presente na lista dos Doze em 10,4. Tal expediente morfossintático estabelece uma associação indissociável entre o nome de Judas e o verbo *paradidōmi* (“entregar”, “trair”), de modo que sua identidade narrativa é construída em torno do ato de traição⁴. Essa repetição reforça a ironia teológica do texto: Judas não é lembrado pelo disciplinado ou pela convivência com Jesus, mas por sua função como traidor.

É significativo que o próprio Judas, em sua confissão, reconheça o caráter pecaminoso de sua ação: “Pequei (ἥμαρτον) entregando (παραδούς) sangue inocente” (27,4). Aqui, o narrador utiliza a linguagem cultual e sacrificial, pois o termo “sangue inocente” (*haima athōn*) evoca tanto as proibições veterotestamentárias contra a derramamento do sangue de inocentes (Dt 19,10; Jr 19,4) quanto a linguagem de expiação. Como observa Davies e Allison, o reconhecimento de Judas ecoa a tradição judaica sobre a gravidade de derramar sangue inocente, mas, ao mesmo tempo, sua tentativa de reparar

¹ GUNDRY, R. H., Matthew, p. 49.

² LUZ, U., Matthew 21–28, p. 496.

³ FRANCE, R. T., The Gospel of Matthew, p. 1034.

⁴ HAGNER, D. A., Matthew 14–28, p. 84.

a culpa fracassa diante da recusa dos sacerdotes em acolher sua restituição⁵. A restituição é ineficaz e o pecado permanece, deslocando a narrativa para o desfecho trágico de seu suicídio.

Em última análise, a cena enfatiza a tensão entre culpa, arrependimento e impossibilidade de expiação fora da ação divina. Enquanto Judas reconhece seu erro, a narrativa mateana deixa claro que o verdadeiro sentido do “sangue inocente” não será determinado por ele, mas pela morte de Jesus, reinterpretada sacramentalmente na instituição da Eucaristia (26,28). Assim, o episódio de Judas não é apenas um drama individual, mas parte integrante da teologia da paixão de Mateus, na qual a traição humana é absorvida e transformada pelo sacrifício redentor de Cristo.

3. O arrependimento de Judas e a restituição do dinheiro (Mt 27,3-5)

Um detalhe de grande interesse exegético e teológico, transmitido apenas pelo evangelista Mateus, consiste na afirmação de que Judas Iscariotes “se arrependeu” do que havia feito, ao entregar o “sangue inocente” de Jesus (Mt 27,3-4). O relato mateano difere dos paralelos sinópticos e dos Atos dos Apóstolos (At 1,18-19), que enfatizam mais o destino trágico de Judas do que a dinâmica de sua consciência e da sua tentativa de reparação. Essa singularidade coloca em relevo a intencionalidade teológica de Mateus, que, mais do que descrever um mero estado psicológico de “remorso”, parece inserir a experiência de Judas no horizonte da teologia bíblica da confissão, do arrependimento e da expiação.

O verbo utilizado em Mt 27,3, *metameletheis* (aoristo passivo de *metamelomai*), tem sido alvo de intensa discussão exegética. Em muitas traduções modernas, como a da Bíblia de Jerusalém, traduz-se por “sentiu remorso”. No entanto, diversos exegetas observam que a escolha de Mateus não remete apenas a um movimento de consciência perturbada, mas a um ato de reconhecimento público de culpa. Luz apresenta um rico excursus sobre a história da interpretação desse verbo e conclui que o termo, no contexto mateano, deve ser compreendido como “arrepender-se” (*to repent*) em sentido mais pleno, o que coloca Judas no espaço semântico da conversão, ainda que de modo incompleto e ambíguo⁶. Além disso, o verbo é utilizado em Mt 21,29-32 na parábola dos dois filhos e no contexto da pregação de João Batista, sempre em relação a uma decisão moral diante do chamado de Deus, o que confirma sua densidade teológica.

O substrato hebraico de *metamelomai* remonta ao verbo *niham*, que pode indicar tanto arrependimento humano quanto a “mudança de decisão” atribuída a Deus (1Sm 15,35). Essa ligação semântica confere ao uso mateano uma ressonância veterotestamentária, aproximando a atitude de Judas de um campo religioso em que arrependimento está conectado à responsabilidade moral e, de algum modo, ao campo sacrificial e expiatório. O paralelo com o verbo *hémarton* (“pequei”), que surge na confissão direta de Judas (Mt 27,4), reforça essa interpretação, dado que a fórmula “pequei” tem longa tradição na Septuaginta como expressão de arrependimento formal (Js 7,20; 2Sm 24,10; Sl 51,6; Jó 33,27), frequentemente utilizada em contextos litúrgicos e expiatórios.

O primeiro gesto concreto do arrependimento de Judas é a restituição das moedas recebidas como preço da traição. A devolução tem um valor simbólico e jurídico à luz da tradição bíblica. Alguns autores a relacionam diretamente à maldição prescrita em Dt 27,25: “maldito quem aceitar suborno para condenar à morte um inocente” (*dōron... haímatos athōou*). Nesse sentido, Judas, ao devolver as moedas, tenta libertar-se da maldição ligada ao derramamento de sangue injusto⁷. Todavia, ao encontrar a resistência dos sacerdotes, que recusam receber o dinheiro por considerá-lo “preço de sangue” (Mt 27,6), Judas se vê sem saída e acaba por descartar o dinheiro no templo, reforçando o caráter público de sua confissão.

Alguns intérpretes sugerem que o suicídio de Judas deveria ser lido como execução da maldição prevista, uma espécie de autoaplicação da pena. Essa hipótese, porém, encontra fragilidade textual, pois Mateus não descreve o suicídio como cumprimento de uma sentença, mas como ato posterior ao reconhecimento da culpa. Conforme McKnight, ao confessar “pequei entregando sangue inocente”, Judas não apenas assume a responsabilidade de sua ação, mas expressa uma busca por perdão, ainda que frustrada pela negativa sacerdotal⁸.

⁵ DAVIES, W. D.; ALLISON, D. C., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, p. 557.

⁶ LUZ, U., *Matthew 21–28*, p. 496.

⁷ DAVIES, W. D.; ALLISON, D. C., *A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew*, p. 557.

⁸ MCKNIGHT, S., *Matthew*, p. 289.

A tradição judaica ilumina ainda mais o peso do verbo *hémarton*. O equivalente hebraico *hātā'ti* (“pequei”) é recorrente na confissão ritual, sobretudo no Dia da Expição (*Yom Kippur*), e se tornou fórmula paradigmática de arrependimento e súplica de perdão (Mishná, *Babá Qammá* 8,7)⁹. A confissão pública de Judas, portanto, se aproxima dessa prática, mesmo sem a mediação sacerdotal necessária para a eficácia do rito.

O problema exegético se agrava em Mt 27,5: “ele retirou-se e foi enforcar-se”. A tensão narrativa reside em como conciliar a confissão e a restituição, sinais de arrependimento, com o desfecho trágico de sua morte. Para Davies e Allison, Mateus insere o tema da morte expiatória também na figura de Judas: assim como a morte de Jesus tem valor vicário e libertador, a morte pode, na tradição judaica, funcionar como expiação suprema¹⁰. No judaísmo rabínico, como mostram Chilton e Neusner¹¹, os pecados podiam ser expiados tanto por meio dos sacrifícios do *Yom Kippur* quanto pela própria morte, quando acompanhada de arrependimento. Assim, Judas pode ter compreendido sua morte como último recurso expiatório, diante da recusa sacerdotal em interceder por ele.

Aplicando essa lógica ao texto de Mateus, pode-se sugerir que Judas tentou resolver seu drama religioso e moral segundo as possibilidades de expiação conhecidas no judaísmo de seu tempo. O ato final, embora trágico, poderia ser lido como tentativa desesperada, mas consciente, de alcançar perdão. À luz da fé cristã, no entanto, o verdadeiro perdão já estava assegurado no sangue de Cristo “derramado por muitos” (Mt 26,28), ou seja, por todos, conforme Mello¹². Judas, portanto, permanece como figura-limite, na qual se encontram o reconhecimento da culpa, a tentativa de reparação e a tragédia de um desfecho desesperado – testemunho da tensão entre justiça, misericórdia e expiação na tradição mateana.

4. O suicídio e o arrependimento na tradição rabínica

Vários são os pesquisadores da antiguidade, da Bíblia e, especificamente com relação a Judas¹³ e seu suicídio, como também da tradição rabínica¹⁴. Nesta última, o suicídio poderia ser visto como uma resposta positiva ao pecado e o episódio da morte de Judas pode ser confrontado com 4Mac 17,21 e *Bereshit Rabbah* 27,27, para os quais, segundo Davies e Allison, “não só a morte, mas também o suicídio leva a uma expiação¹⁵”.

O texto de 4Mac 17,21 coloca uma situação diferente daquela do primeiro Evangelho. A morte que vem estabelecer a sanção penal à mãe hebreia é dada como forma de resistência a um inimigo de Israel e do judaísmo. Na história de Judas Iscariotes, ao contrário, é claro que o suicídio é consequência de um pecado que ele cometeu. Não obstante, um confronto pode ser feito, mesmo porque o versículo em objeto, no seu contexto amplo, é iluminador, como segue: “E o tirano foi punido e a pátria foi purificada, enquanto as suas vidas foram dadas em troca do pecado da nação”¹⁶. O ato suicida de um dos filhos – como se deduz de 4Mac 12,9 (“Depois de ter lançado estas imprecizações, [ele] se jogou sobre os braseiros e assim expirou”) – bem como o da mãe – conforme 4Mac 17,1 (“Declararam também alguns dos guardas que, como estava para ser levada à morte, se jogou no fogo, a fim de que ninguém tocasse o seu corpo”) – são apresentados como gestos realizados em resgate pelos pecados da nação. Há aqui mais de um contato com a paixão de Jesus.

A ideia central do escrito, já expressa em 2 Macabeus, isto é, que o sacrifício dos mártires exerce a expiação para os pecados do povo, tem certamente algo em comum com a doutrina, elaborada em ambiente cristão, paulino em particular, do ‘sacrifício do Senhor Jesus’ e é uma contraprova da

⁹ MISHNAH.

¹⁰ DAVIES, W. D.; ALLISON, D. C., A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew, p. 562.

¹¹ CHILTON, B. D; NEUSNER, J., Classical Christianity and Rabbinic Judaism, p. 201.

¹² MELLO, A., Evangelho segundo Matteo, p. 467.

¹³ CLEMONS, J. T., What Does the Bible Say About the Suicide?; LENZEN, V., Selbsttötung in der Bibel, p. 87-93; DROGE, A. J.; TABOR, J. D., A Noble Death; WHELAN, C. F., Suicide in the Ancient World, p. 505-522; CLEMONS, J. T., Interpreting Bible Texts on Suicide, p. 17-29.

¹⁴ GESUNDHEIT, B., Suicide, p. 34-51; GOLDSTEIN, S., Suicide in Rabbinic Literature.

¹⁵ DAVIES, W. D.; ALLISON, D. C., A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew, p. 562.

¹⁶ Tradução livre nossa da tradução italiana feita por: TROIANI, L., Aprocriti dell'Antico Testamento.

proximidade e afinidade de tais princípios da literatura judaica de língua grega com os fermentos e as ideias veiculadas em ambiente cristão.¹⁷

Tudo isso adquire ainda mais significado se, continuando a leitura do comentário apócrifo sobre o martírio daqueles Macabeus, descobrimos que tal expiação acontece mediante o sangue, como sublinhado em 4Mac 17,22: “E através do sangue daqueles pios e o sacrifício expiatório da sua morte, a Divina providência salvou Israel que antes estava aflito”.

As semelhanças com o contexto da perícope da morte de Judas são muitas. Aparece aqui o tema do sangue, do pecado e da redenção de Israel. Mas também é claro que o “instrumento de propiciação do qual fala o Novo Testamento (Rm 3,25 e Hb 9,5) é o Cristo e não Judas. A proposta de Davies e Allison, portanto, aceitável no plano da afinidade formal, não funciona de modo algum no que tange o contexto teológico. 4Mac 17,21-22 pode, de fato, servir para iluminar o sistema sacrificial judaico no tempo de Jesus, mas não pode ser aplicado nem a Judas enquanto a sua morte não tem nenhuma repercussão salvífica para Israel, tanto menos a Jesus, cuja morte não pode ser compreendida como um suicídio.

O segundo texto ao qual se refere Davies e Allison é *Bereshit Rabbah* 27,27 onde se narra o suicídio de um certo Alcimo¹⁸, mencionado em 1Mac 7,14 e também por Flávio Josefo¹⁹. Ele, sendo sacerdote (“sacerdote da descendência de Aarão, segundo 1Mac 7,14), depois de ter matado sessenta inocentes, se arrependeu e, para expiar sua culpa, infligiu a si mesmo todos os quatro tipos de morte que um tribunal podia aplicar: lapidação, fogueira, decapitação e estrangulamento: Ele tomou um tronco e o fixou num terreno, depois construiu um muro de pedras ao redor do tronco e nele amarrou uma corda.

Fez um fogo diante do tronco, e no centro daquele lugar colocou uma espada. Primeiro se enforcou, depois a corda queimou e ele foi estrangulado. Tendo caído a espada o golpeou e o muro de pedras caiu sobre ele e depois tudo se queimou.²⁰

O que mais impressiona é que a morte daquele culpável – acontecido ao menos por uma modalidade, o estrangulamento, de modo semelhante ao de Judas no relato mateano – cumpre a expiação, tanto que um rabino que assiste à cena, o mesmo vítima do Alcimo, Yoezer de Sereda, antes de morrer diz: “Por um breve intervalo de tempo, alcançou o jardim do Éden ante de mim”.

Também neste caso, temos uma certa semelhança de vocabulário com a história de Judas e Jesus. O vocabulário do campo semântico da justiça é usado em todos os dois âmbitos (1Mac 7,12.14; Mt 27,19), como também o vocabulário do sangue (1Mac 7,17 e Mt 27) e do sumo sacerdócio (1Mac 7,21 e em Mt 27). Além disso, não se pode esquecer que a morte de Alcimo se impõe, segundo *Bereshit Rabbah*, é semelhante àquela que – em uma leitura concordista que harmoniza a tradição mateana àquela dos Atos – será em seguida atribuída a Judas.

Depois deste breve panorama – e graças ao confronto com o suicídio de Alcimo, útil para compreender o de Judas – pode-se concluir que os leitores de Mateus, diante da morte do apóstolo, não só “difícilmente terão interpretado o suicídio como uma expressão do seu profundo pecado e de depravação, como depois será feito na sucessiva tradição cristã”²¹, mas poderiam ter entrevisto no seu gesto uma autoexpiação. Em todo caso, o sentido do relato do suicídio de Judas adquire mais clareza quando se consegue oferecer novas perspectivas a partir da tradição judaica rabínica.

Em síntese, diante do confronto entre as tradições rabínicas e o relato mateano, é possível reconhecer que a morte de Judas, embora marcada pela culpa e pelo desespero, insere-se num horizonte cultural e religioso em que o suicídio podia ser interpretado, em determinados casos, como forma de expiação. A analogia com os mártires de 4Macabeus e com o episódio de Alcimo em *Bereshit Rabbah* mostra que o judaísmo helenista e rabínico conhecia categorias teológicas que vinculavam a morte voluntária à reparação de culpas ou à purificação da comunidade. No entanto, ao contrário desses relatos, o suicídio de Judas não assume, em Mateus, valor salvífico nem para Israel nem para a Igreja nascente, mas antes funciona como narrativa-limite que evidencia a gravidade da traição e a incapacidade humana

¹⁷ TROIANI, L., *Aprocrifi dell'Antico Testamento*, p. 200.

¹⁸ Veja-se também LUZ, U., *Matthew* 21–28, p. 473.

¹⁹ JOSEPHUS, F. *Jewish Antiquities*. Translated by H. St. J. Thackeray et al. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1930–1965, 12,385.

²⁰ NEUSNER, J. (Ed.), *Genesis Rabbah*, p. 401.

²¹ LUZ, U., *Matthew* 21–28, p. 473.

de, por si só, alcançar a reconciliação plena com Deus. Assim, a leitura da morte de Judas à luz da tradição rabínica não anula sua singularidade no Evangelho, mas ajuda a compreender como os primeiros leitores poderiam ter interpretado o gesto não apenas como sinal de perdição, mas também como tentativa desesperada de autoexpição, cuja insuficiência ressalta a necessidade da mediação única de Cristo como verdadeiro instrumento de propiciação (Rm 3,25).

Conclusão

O percurso metodológico empreendido permitiu alcançar alguns resultados significativos. Primeiramente, a análise semântica demonstrou que a tradução tradicional de *metamelomai* em Mt 27,3 como “sentiu remorso” não reflete adequadamente o campo semântico do verbo. Mais coerente é compreendê-lo como “arrependeu-se”, dado que, no horizonte narrativo e teológico de Mateus, o termo não indica uma emoção psicológica passageira, mas uma disposição de conversão que se expressa em atitude prática e religiosa.

Em segundo lugar, o arrependimento de Judas não se restringe à esfera subjetiva, mas se manifesta objetivamente na devolução das trinta moedas. Esse gesto, em consonância com tradições bíblicas e judaicas, insere-se no processo de reparação exigido pelo verdadeiro arrependimento (*teshuvá*), revelando que a intenção do discípulo traidor não foi apenas de lamentar-se, mas de buscar ativamente a expiação de sua falta.

Em terceiro lugar, o diálogo com tradições judaicas e rabínicas, como 4Macabeus e *Bereshit Rabbah*, evidenciou que, em determinados contextos, a morte voluntária podia ser compreendida como forma de expiação. O drama de Judas, privado de acolhida por parte dos líderes religiosos, inscreve-se nesse horizonte: sua morte não possui valor salvífico para Israel ou para a Igreja, mas pode ser lida como tentativa desesperada de autoexpição. Essa leitura, ainda que limitada, ajuda a compreender a densidade teológica do relato e sua inserção no ambiente religioso do judaísmo do Segundo Templo.

Em quarto lugar, a teologia mateana não apresenta Judas como símbolo de uma maldição coletiva que recai sobre o povo judeu – leitura posterior responsável por alimentar séculos de antijudaísmo –, mas como figura paradigmática da tensão entre pecado, arrependimento e graça. O centro do relato é o sangue inocente de Jesus, interpretado como entrega de si e mediação universal do perdão divino. Nesse sentido, Judas não é condenado como irredimível, mas inserido no horizonte da misericórdia, que em Cristo se revela mais forte que a culpa e a morte.

Dessa forma, confirma-se a hipótese de trabalho: a morte de Judas, lida em sua densidade linguística, histórica e teológica, não exclui a possibilidade de salvação, mas torna-se ocasião narrativa para ressaltar a abrangência da graça divina. O relato não oferece uma sentença de perdição inevitável, mas sublinha que, mesmo diante do maior dos pecados, permanece aberta a possibilidade de reconciliação na perspectiva da misericórdia de Deus.

Por fim, esta investigação abre novos campos de pesquisa. A análise comparativa entre tradições judaicas e cristãs sobre arrependimento e expiação pode lançar novas luzes sobre o desenvolvimento da soteriologia cristã. O estudo da recepção da figura de Judas na patrística, na liturgia e na teologia medieval pode revelar como diferentes épocas interpretaram a tensão entre traição e possibilidade de perdão. Além disso, a reflexão sistemática sobre a salvação em situações-limite de desespero humano pode contribuir para o diálogo entre exegese bíblica, teologia sistemática e pastoral contemporânea. Desse modo, a figura de Judas, longe de ser apenas um ícone negativo, torna-se também um espaço de investigação sobre os limites e a universalidade da graça.

Referências bibliográficas

- CHILTON, Bruce; NEUSNER, Jacob. **Classical Christianity and Rabbinic Judaism**. Comparing Theologies. Grand Rapids (MI): Baker Academic, 2004.
- CLEMONS, James T. Interpreting Bible Texts on Suicide. **Quarterly Review**, v. 14, p. 17-29, 1994.
- CLEMONS, James T. **What Does the Bible Say About the Suicide?** Minneapolis (MMI): Fortress Press, 1990.

DAVIES, William D.; ALLISON, Dale C. **A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew**. Edinburgh: ICC, 1977. v. 3.

DROGE, Arthur J.; TABOR, James D. **A Noble Death**. Suicide and Martyrdom Among Christians and Jews in Antiquity. São Francisco: HarperCollins, 1992.

FRANCE, Richard Thomas. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids: Eerdmans, 2007. New International Commentary on the New Testament (NICNT).

GESUNDHEIT, Benjamin. Suicide - A Halakhic and Moral Analysis of *Masekhet Semahot*, chapter 2, laws 1-6. **Tradition**, v. 35, n. 3, 2001, p. 34-51.

GOLDSTEIN, Sidney. **Suicide in Rabbinic Literature**. Hoboken (NJ): Ktav Publishing House, 1989.

GUNDRY, Robert H. **Matthew**. A Commentary on His Handbook for a Mixed Church under Persecution. Grand Rapids (MI): Wm. B. Eerdmans, 1994.

HAGNER, Donald A. **Matthew 14–28**. Dallas: Word Books, 1995. (Word Biblical Commentary, 33B).

JOSEPHUS, Flavius. *Jewish Antiquities*. Translated by H. St. J. Thackeray et al. Loeb Classical Library. Cambridge, MA: Harvard University Press; London: William Heinemann, 1930–1965. Disponível em: <Josephus; with an English translation by H. St. J. Thackeray, in nine volumes : Josephus, Flavius : Free Download, Borrow, and Streaming : Internet Archive>. Acesso em: 17 mar. 2026.

LENZEN, Verenu. Selbsttötung in der Bibel. Für eine Ethik der Liebe zu den Leidenden. **Bibel und Kirche**, v. 47, p. 87-93, 1992.

LUZ, Ulrich. **Matthew 21–28: A Commentary**. Minneapolis: Fortress Press, 2005.

McKNIGHT, Scot. **Matthew: Living Everyday as Jesus Taught Us**. New Testament Everyday Bible Study Series. London (United Kingdom): Harper, 2009.

MELLO, Alberto. **Evangelo secondo Matteo**. Commento midrashico e narrativo. Magnano (BI): Qiqajon, 1995.

MISHNAH. Disponível em: <<https://www.sefaria.org/texts/Mishnah>>. Acesso em: 20 out. 2026.

NEUSNER, Jacob (Ed.). **Genesis Rabbah**. The Judaic Commentary to the Book of Genesis. A new American Translation. Vol. II. Parashiyot Thirty-Four through Sixty-Seven on Genesis 8:15 to 28:9. Atlanta (GA): Scholars Press, 1985.

TROIANI, Lucio. **Aprocrifi dell'Antico Testamento**. Biblica. Letteratura giudaica di lingua greca. (Testi e studi, 5). Brescia: Paidea, 1997.

WHELAN, Caroline. F. Suicide in the Ancient World. A Re-examination of Mathew 27:3-10. **Laval. Théologique et Philosophique**, v. 49, p. 505-522, 1993.

Mariosan de Sousa Marques

Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Docente no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da
Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Goiânia / GO – Brasil
E-mail: mariosansousa@hotmail.com

Recebido em: 30/09/2025

Aprovado em: 19/03/2026